

AUJOR ÁVILA DA LUZ: *Os Fanáticos. Crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos*. 177 págs., ilustrações e mapas fora do texto. Florianópolis, 1952.

Entre 1912 e 1916, a região chamada Contestado, em litígio entre Paraná e Santa Catarina, foi teatro de uma luta, de uma "guerra santa" que até agora não se estudou convenientemente; sobreviventes dela existem ainda no interior de Santa Catarina e são fonte preciosa para quem deseja restabelecer os fatos tais quais se passaram. O Autor, que exerceu a medicina durante anos na região serrana de Santa Catarina, teve contacto com alguns deles e resolveu reunir num estudo tudo quanto os caboclos lhe tinham relatado, integrando a narrativa no conjunto de outras existentes; assim, o livro, além de apresentar dados novos, se apóia em fontes diversas, principalmente nas trazidas pelos militares que participaram da luta e que por volta de 1920 a historiaram. Deixando, porém, em segundo plano o aspecto militar e estratégico (que constituiu o objetivo das obras dos oficiais do exército), Ávila da Luz se empenhou em reconstruir a vida nos redutos caboclos.

O livro se divide nos seguintes capítulos: 1) A terra: informações geográficas e geológicas sobre a região em particular e o Estado de Santa Catarina em geral. 2) A história: a exploração, o povoamento, a colonização do planalto catarinense. 3) O homem: os tipos humanos que povoaram a zona, examinados do ponto de vista étnico; como se formou o mestiço; as tendências, inclinações, tipo de vida dos sertanejos. 4) A organização social: como foi feita a apropriação da terra, o regime de posse, o tipo de propriedades, a estratificação social, as condições econômicas. 5) O misticismo: a religiosidade cabocla, as superstições e suas origens brancas, negras e indígenas; o saudosismo monárquico; como todos esses ingredientes, exacerbados, podem degenerar ora em loucura individual, ora em loucura coletiva; referência aos Muckers do Rio Grande do Sul e às seitas religiosas russas dos sécs. XVIII e XIX. 6) Os Monges: os dois principais líderes do movimento, João Maria e José Maria, o primeiro palmilhando incansável os sertões do sul, em peregrinação constante, e tornando-se o conselheiro, o "santo" dos caboclos; o segundo aproveitando-se da fama do primeiro, após sua morte, e dizendo-se seu irmão, para reunir os jagunços em torno de si e tentar formar um "império santo". 7) Os fanáticos: depois da morte do segundo Monge, sinais "divinos" levaram os caboclos a se reunir em acampamentos para desencadear a "guerra santa" profetizada pelos dois Monges; descrição da vida nos redutos e da organização social que ali se desenvolveu. 8) A questão dos limites: o litígio entre Santa Catarina e o Paraná em suas ligações com o movimento fanático e suas influências sobre ele; a atuação do capitão Matos Costa, que quis tentar a dispersão dos jagunços por meios pacíficos. 9) Adeodato, o tirano dos redutos: a fase final da luta, em que o caboclo Adeodato, arvorando-se em chefe supremo, impõe a sua vontade aos outros e liquida os recalitrantes, para dominar sozinho. 10) O fim: após a queda do grande reduto de Santa Maria, Adeodato foge e tenta formar novos acampamentos, mas insucessos e doenças quebrantam as forças sertanejas; destacamentos policiais desmantelam os últimos pontos fortificados; todavia, Adeodato é capturado só em 1916.

Publicado em 1952 em Florianópolis, foi o livro objeto de uma longa crítica que apareceu na "A Gazeta" local, sob o título "Os fanáticos (apreciações em torno de um livro)"; era seu autor o dr. Oswaldo R. Cabral, que usou o pseudônimo Egas Godinho (16-4-1952, 18-4-1952, 20-4-1952, 23-4-1952, 26-4-1952, 27-4-1952 e 1-5-1952). Oswaldo R. Cabral, aliás, publicara em capítulo de sua obra "Santa Catarina" (São Paulo, 1937) um estudo sobre o mesmo movimento. Da longa crítica que lhe mereceu o livro do dr. Au'or Ávila da Luz, queremos reter alguns pontos mais importantes.

São os seguintes: a falta de indicação das fontes no corpo da obra, o tipo de homem e de vida descrito corresponde ao homem do município de Lajes e não ao caboclo do mato, principal protagonista da luta e, finalmente, a aplicação do conceito de "aberração" ao sentimento de religiosidade cabocla. Insiste o dr. Cabral em que o caboclo seguia religião integrada em seus modos de vida, às suas necessidades culturais, ligando-a a práticas mágicas, como rezas contra diferentes males, benzeduras etc. A canonização espontânea de João Maria pelos caboclos correspondia à mentalidade existente no Contestado e decorrente do estado cultural da população.

O livro vem se colocar na longa corrente de estudos que classifica de "loucura coletiva" os movimentos religiosos brasileiros, de Canudos ao Beato do Caldeirão e outros mais recentes, velha corrente que, se tinha plena aceitação nos tempos de Euclides da Cunha, é hoje alvo de muitas e ponderosas críticas. Não vamos expô-las aqui; basta apontar que o fato de o grupo fanático possuir organização interna, hierarquia de chefes, sistema de práticas religiosas e civis perfeitamente coerentes, e até arquivos em que se registavam batizados, casamentos e ordens exaradas pelos chefes, como o conta o autor e como o revelam os jornais da época, invalida por si só a idéia de se tratar de "multidão em delírio" ou "loucura coletiva".

Por outro lado, não há entre os capítulos da obra integração suficiente que mostre as influências recíprocas (com exceção do que trata de religião e superstição, em que a ligação com o fanatismo é estreita por sua própria natureza); não são visíveis as correspondências entre o tipo de vida, o ideal humano caboclo e a organização dos redutos — e foi por essa falta de integração que a descrição do tipo de vida do homem lajeano, mais focalizado pelo autor, não chocou quando contraposta à vida nos acampamentos, onde os protagonistas eram caboclos da região das matas; tivesse êle cercado de mais perto a realidade íntima daquela vida, assim como as causas do ressentimento que levava os fanáticos aos redutos, e teria evitado a incongruência.

Mas — e para êste ponto quero chamar tôda a atenção dos estudiosos dos fenômenos religiosos brasileiros — pela primeira vez em estudo desta ordem, o fanatismo brasileiro não é apontado como tendo por base a condição mestiça do nosso caboclo. É aberração, acha Ávila da Luz, mas aberração que não se prende à instabilidade biopsíquica do mestiço (explicação dada por muitos autores para o fenômeno de Canudos, por exemplo). Talvez esta instabilidade exista, mas não está ainda provada; todavia é certo que a "aberração religiosa" decorre da civilização rudimentar, das condições sociais, e não de desequilíbrio físico oriundo da mestiçagem. Em apóio de sua tese, cita o movimento dos Muckers no Rio Grande do Sul, dos mais sangrentos e cruéis, e que teve por personagens colonos alemães sem nenhuma mistura cabocla; e lembra também as diferentes seitas religiosas estranhas que surgiram na Europa, principalmente as russas dos sécs. XVIII e XIX, cujos adeptos eram levados ora à auto-mutilação, ora ao suicídio. Grande mérito do livro, que se coloca, por êsse lado, entre as obras de cunho atual sôbre o assunto.

Felicitemos o Autor também pelo estilo cheio de vida, pela maneira feliz com que evoca a paisagem e os modos de vida do caboclo, pelas informações interessantes a respeito de uma região brasileira tão pouco conhecida.

*Maria Isaura Pereira de Queiroz*

SOL TAX e colaboradores: *Heritage of Conquest. The Ethnology of Middle America*. 312 págs. The Free Press Publishers. Glencoe, 1952.

Êste volume é o resultado de um seminário da Viking Fund sôbre a etnologia da América Central, realizado em Nova York em 1949, e cujas